

LUTO E PANDEMIA: SEPULTADORES FRENTE AO REAL DA MORTE

MOURNING AND PANDEMIC: BURIAL PEOPLE FACING THE REALITY OF DEATH

Amanda Heloisa Pereira das CHAGAS*¹
Diego APOLINÁRIO²
Paula Nathalie NOCQUET³
Janete Maria da Silva BATISTA⁴

RESUMO

Introdução: A pandemia da Covid-19 provocou impactos consideráveis sobre a subjetividade dos trabalhadores que tiveram alguma interface com processo de morte ocasionado pela doença, neste contexto, destacam-se os profissionais sepultadores. Para melhor compreender o fenômeno, buscou-se articular os conceitos psicanalíticos com o relato dos participantes da pesquisa. **Objetivo:** Analisar os impactos da pandemia na saúde mental de sepultadores atuantes. **Materiais e Métodos:** Consiste em uma pesquisa aplicada de natureza qualitativa de caráter exploratório, a coleta de dados ocorreu em duas sessões com dois grupos de escuta em associação livre com atenção flutuante; Critérios de inclusão: sepultadores que atuaram no período pandêmico de 2020 a 2022, com idades acima de 18 anos, de ambos os sexos e que tiveram disponibilidade e interesse em participar do grupo de escuta. Critérios de exclusão: sepultadores que estiveram afastados por determinações sanitárias e indisponibilidade na coleta de dados. **Resultados e Discussão:** Foram elencados em quatro sessões: 1) Do encontro cotidiano com o real da morte: analisamos a relação dos sepultadores frente ao aplacamento do real da morte; 2) A (des) subjetivação de quem sepulta-a-dor: o sujeito e suas (im) possibilidades de ser, tratamos dos estigmas sociais assignados a profissão de sepultador; 3) A pandemia e a (im) possibilidade de exumar os corpos: abordamos as questões sanitárias e suas implicações na saúde de sepultadores, e por fim; 4) Enterrar, exumar e ressignificar: consideramos a movimentação dos sepultadores enquanto sujeitos desejantes frente a imposição restritiva de um sintoma global como a pandemia. **Considerações Finais:** A partir das conjecturas tecidas confirmamos a hipótese de que o excesso de trabalho no período da pandemia causou impactos a saúde mental de trabalhadores e apresentamos outros impactos proporcionados nesse período.

PALAVRAS-CHAVE: Luto; Pandemia; Sepultadores; Covid-19.

ABSTRACT

Introduction: The Covid-19 pandemic has had considerable impacts on the subjectivity of workers who have had some interaction with the death process caused by the disease, with professional morticians standing out in this context. To better understand the characteristics, seek to articulate psychoanalytic concepts with the reports of the research participants. **Objective:** To analyze the impact of the pandemic on the mental health of working morticians. **Materials and Methods:** It consists of an applied research of a qualitative nature of an exploratory nature, data collection took place in two sessions with two listening groups in free association with floating attention; Inclusion criteria: morticians who worked during the pandemic period from 2020 to 2022, over the age of 18, of both sexes and who were available and interested in participating in the listening group. Exclusion criteria: morticians who were away due to health determinations and unavailability in data collection. **Results and Discussion:** They were listed in four sessions: 1) The Daily Encounter with the Reality of Death: we analyzed the relationship of gravediggers in the face of the appeasement of the reality of death;

¹Psicóloga Egressa do Curso de Psicologia da Faculdade Herrero. Curitiba, Paraná, Brasil.

*E-mail para correspondência: psi.amandaheloisa@gmail.com

² Psicólogo, Egresso do Curso de Psicologia da Faculdade Herrero. Curitiba, Paraná, Brasil.

³Psicóloga clínica especialista em Psicanálise, mestranda pela UFSC e psicanalista praticante em consultório particular. Joinville, Santa Catarina, Brasil.

⁴Enfermeira, Socióloga, Mestre em Enfermagem pela UFPR, Docente do Curso de Psicologia da Faculdade Herrero Curitiba, Paraná, Brasil.

2) The (De)Subjectivation of Those Who Bury-the-Pain: the subject and their (im)possibilities of being, we dealt with the social stigmas attributed to the profession of gravedigger; 3) The Pandemic and the Im (possibility) of Exhuming Bodies: we addressed health issues and their implications for the health of gravediggers, and finally; 4) Burying, Exhuming and Resignifying: we considered the movement of gravediggers as desiring subjects in the face of the restrictive imposition of a global symptom such as a pandemic. **Final Considerations:** Based on the conjectures made, we confirmed the hypothesis that overwork during the pandemic affected the mental health of workers and presented other impacts provided during this period.

KEYWORDS: Mourning; Pandemic; Burial; Covid-19.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 apresentou ao mundo um cenário de isolamento social, risco de exposição e alto índice de óbitos. No mundo, foram notificados 588.757.628 casos e 6.433.794 óbitos para covid-19, sendo registrados na América do Sul, 63.067.350 casos e 1.321.168 óbitos. No Brasil, foram registrados até o dia 16 de agosto de 2022, foram notificados 34.201.280, com 681.763 óbitos por covid-19¹. Segundo a Organização Panamericana de Saúde (OPAS)¹, a COVID-19 foi considerada a terceira maior causa de mortalidade no mundo em 2020 e a segunda em 2021, nesse período, aproximadamente 13 milhões de vidas foram perdidas².

De acordo com Bonfim³ (2022) a pandemia causou impactos consideráveis sobre a subjetividade. Produziu uma experiência de vulnerabilidade, confusão mental, suspensão do julgamento, ruptura da cadeia associativa de pensamento, angústia e medo. Sendo assim, a temática proposta que buscou ouvir a classe de trabalhadores que tem como matéria concreta laboral, a função de dar destino ao corpo *post mortem* – sepultadores.

A profissão de sepultador segundo a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO⁴ designa que são estes os profissionais que exercem a escavação, limpeza e preparação de sepulturas e exumação de cadáveres. sofrem riscos biológicos por meio do contato com germes infecciosos e parasitários humanos e padecem de riscos ergonômicos advindos de posturas inadequadas e grande esforço físico⁵. Uma profissão que se tornou invisível para a sociedade contemporânea, além disso, o aumento considerável de trabalho no período pandêmico pode tê-los jogado às margens de um encontro sintomático com o real da morte.

O sintomático se expressa no subjetivo do corpo vivido devido à experiência com o excesso de trabalho, violências físicas e verbais, estigmatização e invisibilidade cultural⁶. Para Costa^{7:15} “a invisibilidade pública, desaparecimento de um homem no meio de outros homens, é expressão pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter crônico nas sociedades capitalistas: humilhação social e reificação”.

O luto é um fenômeno que se apresenta em múltiplos contextos, e para circunscrever um conceito amplo e multifacetado em sua significação pura se fez necessário delimitá-lo. Para esta pesquisa, restringiu-se ao luto em virtude do óbito de outrem. Nesse sentido, as obras *Luto e Melancolia*⁸ na obra *Neurose, Psicose e Perversão (1856-1939/2020)* e em *Totem e Tabu*⁹ (1913-1914/1996) de Sigmund Freud podem ajudar a compreender os impactos da pandemia, no contexto de luto frente ao real da morte e como esta realidade marcou a subjetividade dos sepultadores.

Em *Luto e melancolia* Freud⁸ apresenta a diferença dicotômica entre o processo de luto e o adoecimento melancólico, circunscreve o luto como o processo de reação do sujeito frente à perda de um ente, sem apresentar o rebaixamento da autoestima como ocorre na melancolia. Na obra *Totem e Tabu* (1996), Freud⁹ tece uma análise sócio-histórica do luto articulando com o tabu dos mortos. E, pondera que anteriormente poderíamos considerar que o ódio satisfeito e a dolorosa afeição lutavam entre si. E com a transmutação dos afetos podemos encontrar a piedade como uma cicatriz. O luto impõe uma espécie de marca no enlutado, “e exige que “*de mortuis nil nisi bene*” [dos mortos não se fale, a não ser bem]. Para Freud^{8:72} somente os neuróticos ainda turvam o luto pela perda de um ser querido com autorrecriações obsessivas — cujo segredo, conforme a psicanálise, está na velha atitude emocional ambivalente.

Considerando os argumentos acima, considerou que os sepultadores estiveram em um contato frequente com excessivo número de óbitos e enlutados. Trabalharam diretamente com a exposição biológica ao vírus da Covid-19. Desta forma, questionou-se: Quais os impactos a saúde mental de sepultadores que trabalharam durante o período da pandemia da Covid-19? A hipótese é de que o excesso de trabalho durante a pandemia causou impactos de ordem psicológica à saúde mental de sepultadores.

Desse modo, o objetivo do presente estudo foi analisar o impacto da pandemia da Covid-19 na saúde mental de sepultadores. Para tanto, buscou-se articular os relatos dos sepultadores participantes da pesquisa com os conceitos psicanalíticos.

2 METODOLOGIA

Pesquisa de natureza qualitativa de caráter exploratório. A pesquisa qualitativa tem como objetivo ampliar as oportunidades e descobertas de forma autônoma, buscando compreender as situações relacionadas ao tema em análise⁹.

A coleta de dados ocorreu no mês de setembro de 2024 com sepultadores que trabalham em um cemitério particular na região metropolitana de Curitiba-PR após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 81936224.1.0000.5688).

Participaram da pesquisa os trabalhadores do cemitério que atuaram no período da pandemia de 2020 a 2022, com idades acima de 18 anos, de ambos os sexos e com disponibilidade e interesse em participar do grupo de escuta. Não foram incluídos na pesquisa os trabalhadores que foram afastados do trabalho por determinação sanitária como idade, grupos de risco e sintomas da Covid-19 e que não estivessem disponíveis por quaisquer motivos no momento da coleta de dados.

Os participantes foram divididos em 2 grupos com 10 participantes. Essa quantidade de participantes se justifica por tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo com a abordagem da epistemologia dialógica. González^{10:28} afirma que a epistemologia dialógica é orientada para a transformação dos participantes em sujeitos ativos do processo de pesquisa, cujos princípios consideram que os conceitos de sentido e de configuração subjetiva “precisam ser construídos no decorrer da pesquisa e da prática profissional, o que demanda uma postura construtivo-interpretativa” (livre tradução nossa). Isto significa garantir a sua expressão autêntica e a definição de um lugar próprio a partir do qual possam se expressar no curso da investigação. Em outras palavras, a lógica centrada no instrumento é substituída pelo diálogo, que leva à autoexpressão dos participantes sem as restrições impostas pelos dispositivos metodológicos utilizados^{11:9}. Nesse sentido, considerou-se que o ato dialógico constitui “um recurso metodológico que supõe uma nova ideia centrada no sujeito da pesquisa e que se define não só pela simetria das relações, mas pela capacidade do pesquisador de compartilhar espaços sociais com pessoas em situação de estigma social”^{12:157}.

Os participantes da pesquisa foram convidados por meio de contato telefônico com a administração do respectivo cemitério, mediante aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A coleta de dados foi realizada por meio de duas sessões, sendo uma sessão para cada um dos dois grupos, realizado nas dependências do cemitério, com duração de 50 minutos. As identidades e integridade dos participantes da pesquisa foram preservadas mediante a escolha do local de desenvolvimento do grupo e identificação dos nomes por códigos.

Nesse contexto, propôs a atenção flutuante que é utilizada como uma ferramenta fundamental, visando escutar o inter-dito entre um dizer e outro. Freud^{9:86}, esclarece que a atenção flutuante permite evitar a fadiga da atenção e assim escapar de um perigo que é inseparável do exercício da atenção proposital. Uma vez que, ao intensificarmos deliberadamente a atenção, selecionamos em meio ao material que se apresenta nos fixando com particular agudeza um ponto, eliminando assim outro, e nessa escolha seguimos nossas expectativas ou inclinações.

E para o autor^{9:112-113} é justamente isso que não se faz na escuta analítica, pois “seguindo nossas expectativas encontramos o que já sabemos e falsearemos o que é possível perceber. Não devemos esquecer que em geral escutamos coisas cujo significado será conhecido apenas posteriormente”. Salientamos que este estudo não consiste na análise de sessões analíticas, mas sim de duas sessões pontuais com participantes diferentes, e para isso servimo-nos da atenção flutuante para fundamentar a escuta dos grupos.

O grupo de escuta em associação livre proposto por Yalom¹³ permite a interação no grupo de escuta com questões não estruturada, possibilitando aos participantes a oportunidade de associar livremente, compartilhar suas experiências, expressar suas percepções de natureza emocional, física e/ou social. Dessa forma, iniciamos o grupo de escuta com uma pergunta disparadora “Como foi para vocês trabalharem no período da pandemia?” As perguntas subsequentes foram tecidas a fim de permitir a associação livre, ou seja, interrogando a posteriori o discurso dos trabalhadores.

Durante as sessões de grupo de escuta, os participantes foram convocados discursivamente a compartilhar suas experiências e opiniões de forma livre e aberta. Esta abordagem permitiu a atenção flutuante e análise aprofundada dos conteúdos psicológicos que emergiram durante as interações, contribuindo para uma compreensão mais abrangente dos desafios enfrentados pelos trabalhadores envolvidos nos sepultamentos no período pandêmico.

Ressalta-se que os grupos oferecem um contexto único para a exploração e resolução de problemas emocionais, proporcionando um ambiente seguro para a expressão de emoções e reflexões profundas. A dinâmica do grupo facilita a interação entre os participantes, promovendo a troca de experiências e o apoio mútuo. Para análise dos dados, gravamos as falas e as transcrevemos.

A partir da Análise Linguística do Discurso (ALD)¹³ proporcionamos ênfase nos trechos proferidos pelos sepultadores que se evidenciaram na cadeia discursiva e os significantes. A análise dos discursos foi fundamentada no referencial teórico psicanalítico de Sigmund Freud (1904-1905; 1912-1913; 1914-1915; 1917; 1940;) e Jacques Lacan (1958-1959; 1961-1962; 1962-1963; 1964; 1966-1967; 1971-1972; 1972-1973; 1974-1975) articulados com autores(as) psicanalíticos(as) contemporâneos(as) como: Dunker e Safatle (2020) Clarice Paulon (2023), Flavia Bonfim (2022), Gomes e Junior (2022).

A escuta em associação livre é uma técnica psicanalítica, como propôs Sigmund Freud^{14:161} ao escrever que “a única regra analítica fundamental é a de associação livre” no texto *Zur Dynamik Der Übertragung*, traduzido em português para *A Dinâmica Da Transferência*. Articulando ao que Lacan^{15:66} tece no *Seminário XXII: R.S.I (1974-1975)* ao estabelecer a importância da manifestação discursiva dos conteúdos inconscientes considerando os aspectos do real, simbólico e imaginário “é dizer que há um discurso: aquele que associa, não o fonema, incluso para ser entendido em sentido

amplo, o sujeito é determinado pelo ser *{par l'être}*, ou seja, pelo desejo”, livre tradução nossa); ou seja, o sujeito associa não pela conjunção do fonema, mas associa para que a articulação significante seja compreendida em seu sentido amplo. O sujeito é determinado por ser e traduz em signos e significantes o arranjo possível de seu desejo.

Considerou-se a possibilidade de manifestações emotivas dos participantes da pesquisa ao falarem de suas experiências e memórias podendo ou não sentirem algum tipo de desconforto e/ou mal-estar. Diante destas possibilidades, foi disponibilizado o manejo necessário no momento ocorrido bem como, o encaminhamento para atendimento no Serviço-Escola de Psicologia na Faculdade Herrero.

Os resultados obtidos concernem à amostragem participante dessa pesquisa, reconhecendo assim que sepultadores em outras situações geopolíticas podem apresentar relatos diferente dos que foram coletados. Sendo assim, a natureza qualitativa da amostra implica em uma ênfase na compreensão profunda das experiências individuais e subjetivas do conteúdo compartilhado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sigmund Freud^{8:100} no texto *Luto e melancolia* apresenta as diferenças e semelhanças entre o processo de luto e o adoecimento melancólico, circunscreve o luto como o processo de reação do sujeito frente à perda de um ente. Na dificuldade em tecer e elaborar o luto o sujeito pode apresentar um estado patológico ao qual Freud circunscreve como melancolia, caracterizada por “desanimo profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição da capacidade para realização [*Leistung*] e pelo rebaixamento da autoestima [*Selbstgefuhl*]”.

O luto é envolto por essas características do processo patológico de melancolia, a diferença dicotômica do luto em relação à melancolia que Freud⁸ nos apresenta é justamente a ausência de perturbação no sentimento de estima. Ou seja, o enlutado diferente do melancólico não se dilui junto ao objeto perdido, exerce o trabalho de luto com grande dispêndio de energia e investimento libidinal, o enlutado redireciona – a seu tempo, a libido que anteriormente esteve investida no objeto amado para outros objetos, mantendo a estima que esse objeto perdido lhe representava.

Segundo Barros¹⁶, no trabalho de luto não só o objeto sai do processo transformado, mas o sujeito também. O luto possui como característica a transformação do conceito de perda. Dessa forma,

ele não implica apenas em deslocar a libido do objeto perdido para outro, requer um trabalho de articulação significante⁵ na qual se faça existir a interpretação do próprio luto (*cf.* pp. 28).

Diante dessas considerações, foi possível analisar e discutir os resultados a partir de quatro aspectos: **3.1 Do Encontro Cotidiano Com o Real da Morte:** analisou, justamente, a relação dos sepultadores frente ao aplacamento do real; **3.2 A (Des) Subjetivação de Quem Sepulta-a-dor:** o sujeito e suas (im) possibilidades de ser. Explicitou a estigmatização e exclusão social; **3.3 A pandemia e a Im (possibilidade) de Exumar Os Corpos,** onde foi abordado as questões sanitárias e suas implicações na saúde de sepultadores. E, por fim: **3.4 Enterrar, Exumar e Resignificar:** Ressaltou a movimentação dos sepultadores enquanto sujeitos desejantes frente a imposição restritiva de um sintoma global como a pandemia.

3.1 DO ENCONTRO COTIDIANO COM O REAL DA MORTE

O encontro cotidiano com a morte de outrem, enuncia a experiência de sepultadores que cotidianamente estiveram diante o alto índice de óbitos no período da pandemia da Covid-19. A partir das breves considerações mencionadas anteriormente a respeito do luto, a caracterização da profissão sepultador e dos dados epidemiológicos da Covid-19, iremos analisar sobre essa experiência do encontro cotidiano com a morte de outrem, relatados em duas sessões do grupo de escuta com sepultadores que atuaram no período da pandemia. O grupo de escuta em associação livre iniciou com a pergunta aberta aos grupos “Como foi para vocês trabalharem no período da pandemia?”

F5: É, que aqui a gente até fez cremação de amigos né, assim e esse é um... um sentimento que dói também né.

I8: Falando da pandemia, é um caso tipo assim que bastante triste né, na época da pandemia mesmo, foi uma coisa que não só entristecia a gente, é por se pôr no lugar da família que é uma perda irreparável, sem contar também a medida que as pessoas não podia se aproximar jamais da urna, se despedir do ente querido então pra gente equipe tem que saber lidar com todas essas situações [...] Então foi uma época de muita tristeza, como a H7 acabou de citar agora pouco, a gente chegava tinha, tava fila de funerárias, famílias e mais famílias e mais famílias então foi uma coisa que marcou bastante pra gente porque trabalho de cemitério nessa, nessa pandemia, é uma coisa que até hoje a gente não consegue acreditar que acabou. [sic]

⁵ Lacan¹⁷, no Seminário IX: A Identificação (1961-1962/2003) conceitua o termo significante, diferenciando-o de significado. A cadeia significante, cadeia discursiva constitui uma operação que se faz existir a partir da ausência, do registro da falta primordial, do objeto a, e o significado deriva justamente da articulação de um S1 (significante 1) com outro S1.

Nesse trecho dito por dois sepultadores F5 e I8 podemos verificar os efeitos discursivos da foracclusão⁶ [*Verwerfung*]⁷ da morte que se estabelece diante a impossibilidade do enlace significativo em um momento em que o real da morte se impõe. Associado a exclusão e/ou a suspensão do lastro simbólico de qualquer possibilidade de significação da morte que não seja apenas ausência ou vazio. Em um período de impossibilidade da realização de rituais fúnebres como estabelecidos outrora culturalmente, a possibilidade barrada tanto dos sepultadores como dos demais sujeitos da cultura a realizarem ritos que constituem o arranjo possível para marcar o início do processo de simbolização do trabalho de luto, situando-o enquanto objeto perdido, nos evidencia uma fragilidade no que concerne ao registro simbólico desse momento¹⁸.

Ainda no que diz respeito à foracclusão da morte podemos considerar o seguinte trecho:

G6: Ah teve uma vez, um sepultamento aí tinha colocado a urna lá em cima lá no dispensador, aí nós tava esperando uma filha chegar, aí a filha já chegou louca, louca, berrando, berrando, berrando xingando tudo nós [ruído] ela falava que o pai dela não tinha falecido de covid né, só que era covid né então não tinha o que fazer, mas foi bem triste.

I8: [...] então tipo assim, tinha, tinha que lidar com bastantes situações, além de lidar com tudo isso é... também vinha de perdas da própria família.

I8 [...] Calma senhora, a gente tá com EPI de segurança e nós não podemos tocar, tem que manter uma certa distância, é, é uma regra, temo que respeitar, é perigoso, é contaminado, e daí ela pegou e me empurrou e eu lembro que ela levou a mão no nariz né e tocou na urna, passou uns 15 dias depois, essa senhora também veio a ter covid. [sic]

Destaca-se desse trecho, o rechaço ao aplacamento do real em relação a morte do pai, o que podemos analisar como uma inibição e limitação do Eu, uma manifestação da dedicação exclusiva do luto, ou seja, trata-se justamente da foracclusão da morte. Paulon^{18:97}, considera, que “quanto mais se recusa o real da morte, maior dificuldade haverá em experienciar a vida e suas vicissitudes, o que torna a vida mais mórbida e repetitiva, sem espaço para elaborar e ressignificar”. E, isso seria justamente uma alusão ao luto descrito por Freud^{8:101} “contra isso se levanta uma notável oposição: em geral se observa que o homem não abandona de bom grado uma posição libidinal [Libidoposition] nem mesmo quando um substituto já lhe acena. Essa oposição pode ser tão intensa que dá lugar a um afastamento da realidade”.

Freud^{8:66} esclarece que quando uma mulher perde o marido ou a mãe não é raro que a sobrevivente seja acometida de dolorosas apreensões as então recriminações obsessivas.

⁶ Foracclusão da morte neste estudo consiste justamente na exclusão, incluir fora a possibilidade de morte. Não a consideramos enquanto conceito estrutural da psicose.

⁷ *Verwerfung*, conceito utilizado por Freud no texto *Aus der Geschichte einer infantilen Neurose (1918) Da história de uma neurose infantil*, tradução nossa. E, circunscrito como Foracclusão por Lacan¹⁷ “Não torno a voltar à noção da *Verwerfung* de que parti, e para a qual, tudo bem refletido, proponho que vocês adotem definitivamente esta tradução que creio ser a melhor - a foracclusão.” (pp. 360)

Imaginando se não teria sido responsável, devido a alguma imprevidência ou negligência, pela morte do ente querido. Nenhuma lembrança dos cuidados que teve para com o doente, nenhuma objetiva refutação da suposta culpa conseguem pôr fim ao tormento, que seria expressão patológica de um luto e que gradualmente vai se extinguindo com o tempo. A investigação psicanalítica desses casos nos deu a conhecer o móvel segredo deste sofrimento. Aprendemos que em certo sentido as recriminações obsessivas são justificadas, e apenas por isso são invulneráveis a contestações e objeções. (pp. 66)

As recriminações obsessivas inferem este martírio imaginário, o que não quer dizer que o enlutado realmente seja culpado da morte ou tenha incorrido negligência em seus cuidados, como afirma a recriminação obsessiva, isso salienta justamente o paradigma da dinâmica ambivalente dos afetos. Ainda em *Totem e Tabu* (1996) Freud^{8:67} acrescenta sobre as manifestações das recriminações obsessivas no trabalho de luto:

Havia mesmo algo, um desejo inconsciente para ele próprio, que não ficaria insatisfeito com a morte e que a teria provocado, se tivesse poder para isso. É contra esse desejo inconsciente que reage a recriminação, após a morte da pessoa amada. Essa hostilidade oculta por trás do amor, no inconsciente, existe em quase todos os casos de intensa ligação afetiva a determinada pessoa [...] essa ambivalência se acha, em maior ou menor grau, na constituição de todo indivíduo; normalmente não é tanta que faça aparecer as recriminações obsessivas que descrevemos. Quando existe em abundância, porém, ela se manifestará justamente na relação com as pessoas mais amadas, ali onde menos seria esperada. A predisposição à neurose obsessiva, de que frequentemente nos servimos para comparação na questão do tabu, parece-nos caracterizada por um altíssimo grau dessa ambivalência afetiva original. (pp. 67)

Nesse sentido, podemos verificar a ambivalência dos afetos e os efeitos das recriminações obsessivas, mas como isso se articula com o real? Ora, isso é evidenciado pelo momento em que emerge um dos nomes do real – a morte. Jorge^{20:211} na obra *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia* (2010) assevera “a morte é um dos nomes do real e talvez seja o melhor deles, algo que opera a radical perda do sentido”. Desencadeando a sintomatologia do enlutado e de quem presentifica o luto.

Lacan¹⁵ considera no *Seminário 22 R.S.I (1974-1975)*:

Destaco que ao interrogarmos através do nosso nó o que há de estrutura necessária em Freud, é do lado da morte que se encontra a função do Simbólico. É na medida em que algo é icognicível [*Urverdrängt*] no Simbólico, que há algo ao qual jamais damos sentido, ainda que o sejamos - é quase absurdo afirmá-lo - mesmo que sejamos logicamente capazes de dizer "todos os homens são mortais", é na medida em que “todos os “homens são mortais”, pelo próprio fato deste “todos”, não ter qualquer significado propriamente dito, que é necessário pelo menos que a peste se espalhe até Tebas para que este “todos” se torne algo imaginável e não puramente simbólico, que é necessário que cada um se sinta preocupado em particular com a ameaça da peste, que ao mesmo tempo se revele ao supor isto. (pp. 34 tradução nossa⁸)

⁸ No original¹⁴: Señalo que al interrogar por medio de nuestro nudo lo que es de la estructura necesitada por Freud, es del lado de la muerte que se encuentra la función de lo Simbólico. Es en tanto que algo está urverdrängt en lo Simbólico, que hay algo a lo cual jamás damos sentido, aunque seamos — casi es una majadería enunciarlo — aunque seamos capaces lógicamente de decir “todos los hombres son mortales”, es entanto que “todos los hombres son mortales”, por el hecho mismo de este “todos”, no tiene propiamente hablando ningún sentido, que es preciso al menos que la peste se propague

Examinando as considerações de Lacan¹⁵, podemos concluir que o real é da ordem do impossível de simbolizar, pois como ficou evidenciado na citação acima: dizer não atribui um significado propriamente dito, ou seja é possível dizer, tecer e articular significantes sobre o real da morte, mas é da ordem do impossível apreendê-la e simbolizá-la. Para Lacan²¹, o real pode ser representado “pelo acidente, pelo barulhinho, a pouca-realidade, que testemunha que não estamos sonhando. Mas, por outro lado, essa realidade não é pouca, pois o que nos desperta é a outra realidade escondida por trás da falta do que tem lugar de representação – é o Trieb⁹, nos diz Freud”. (pp.61).

Nesse sentido, podemos seguir a análise considerando o que Lacan¹⁷ dispõe sobre o luto no *Seminário X: A angústia (1962-1963/2005)*:

Experimentamos o luto e sentimos seus efeitos de desvalorização na medida em que o objeto cujo luto vivenciamos era, sem que o soubéssemos, aquele que se fizera ou de quem nós fizéramos o suporte de nossa castração. Quando está nos é devolvida, vemo-nos pelo que somos, uma vez que seríamos essencialmente devolvidos a essa posição da castração. (pp. 125)

Lacan¹⁸, enfatiza que o sujeito ao deparar-se com a finitude de outrem é submetido ao reencontro com a posição de castração, assim como Freud²¹ estabeleceu na obra *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade (1901-1905/2016)*, a angústia de ser castrado no complexo de Édipo, é retomada e remontada no trabalho de luto. Nesse sentido, o sujeito enlutado experimenta ocasionalmente a angústia da castração e a dor sentida em virtude do rompimento do laço afetivo e libidinoso que estabelecia com o objeto amado, dor essa que implicará o sujeito em um intenso trabalho psíquico, que é o luto propriamente dito.

Já no que concerne aos sepultadores, eles estão situados em um encontro cotidiano com os efeitos do real da morte, com enlutados e se reencontram diariamente com a posição de castração experienciada pelos enlutados ao depararem-se com a finitude e a marca da falta. Ainda que não seja a perda do objeto amado, se constitui como um reencontro diário com a castração que se apresenta por meio de outrem. E, que por sua vez, impacta diretamente a subjetividade e manifestação do sujeito enquanto ser falante e faltante. Paulon¹⁹, em sua escuta e análise de sepultadores de um cemitério público em São Paulo (2023) complementa esta análise:

a Tebas para que ese “todos” se convierta en algo imaginable y no un puro simbólico, que es preciso que cada uno se sienta concernido en particular por la amenaza de la peste, que se revela al mismo tiempo lo que al suponer esto (pp. 34)

⁹ Trieb conceito traduzido por pulsão. A seguir podemos verificar a citação de um ensaio publicado na tradução da obra *As Pulsões e Seus Destinos* de Sigmund Freud²² (2020) este ensaio aborda a epistemologia da pulsão: “A pulsão é anterior ao próprio aparelho psíquico: ela é elemento de ligação entre o corpo e a psique. Seu caráter é fronteiro, limítrofe, como não cansa de insistir Freud, com metáforas que poderiam claramente remeter a guerras nas trincheiras. A pulsão opera numa certa zona de indeterminação, de indistinção entre o corpo e o aparelho psíquico: embora sua fonte seja sempre somática, só conhecemos dela seu representante psíquico, conforme estabelecido desde os Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade” (pp. 95)

São essas pessoas que estão cotidianamente nos cemitérios, com receio de sorrir ou contar uma piada no ambiente de trabalho e, assim, desrespeitar o luto de algum munícipe velando seu ente querido. [...] que escutam a história dos falecidos contadas por familiares, que, muitas vezes, sofrem violência verbal e física dos enlutados que não sabem o que fazer diante da sua dor: “você está jogando terra em cima porque não é sua mãe” – alguns escutam. (pp. 103)

Dessa forma, essas considerações e articulações com o relato coletado dos sepultadores, demonstram justamente que o território em que eles exercem o ofício além de constituir um espaço geográfico, político, cultural trata-se também de um espaço afetivo, pois diante o encontro cotidiano com a morte, a saber, em altos índices no período da pandemia de Covid-19, os fizeram estar desalojados de seus afetos apresentando em seus discursos fragmentos de recriminações obsessivas. Esses trabalhadores foram de certa forma enclausurados pelo discurso higienista, taxados como portadores vivos do vírus apenas por exercerem seu ofício e isso impactou diretamente suas identidades e laços afetivos. Analisemos os trechos a seguir:

H7: só que nós tivemos muito preconceito [...] Muito da família né que a gente trabalhava assim, tinha dia que chegava 10 né e tipo assim chegavam a pensar que nós tava contaminado. [...] Eles se afastaram até parente, amigos se afastaram que a gente trabalhava dentro de um cemitério e na cabeça deles nós tava cheio do vírus covid.

I8: Então tipo assim eu perdi minha tia ali, eu tive que vir com essa dor, não poder chorar, porque se eu chorasse ali o pessoal da família ali com certeza eles iam pensar que eu tava chorando pelo... ente né [...] então eu tinha que segurar a minha dor e entender a dor da pessoa. [sic]

O sujeito enclausurado no discurso cultural como portador daquele que dissemina o vírus que desencadeou elevados índices de mortes, está destituído, excluído de suas relações afetivas, ou seja, essa manifestação discursiva retira o sujeito justamente daquilo que permite o enlace e articulação significativa da elaboração do luto³.

Dessa forma, podemos entender o que Lacan¹⁷ pondera no *Seminário: A Identificação (2014)* quando não há discurso, quando há a ausência do receptor a quem direcionar o S1-S2 e assim sucessivamente, a articulação significativa é prejudicada, congelada, ou seja, há um rompimento no que se refere a elaboração do luto tanto para o enlutado quanto para os sepultadores que presenciam o luto e o reencontro com castração de si ou de outrem¹⁸. Podemos verificar esse congelamento significativo, no trecho mencionado anteriormente por I8: “porque trabalho de cemitério nessa, nessa pandemia, é uma coisa que até hoje a gente não consegue acreditar que acabou” [I8/sic]. Nessa fala podemos compreender a (im) possibilidade desse sepultador de simbolizar na totalidade a pandemia.

No *Seminário X – A angústia (2005)* Lacan¹⁸ retoma a dinâmica ambivalente do luto pois aponta que Freud delimitou o trabalho de luto através da tarefa de consumir pela segunda vez a perda do objeto amado, comportando um “aspecto detalhado, minucioso, da rememoração de tudo o que foi

vivido da ligação com o objeto amado.” (pp. 367). Após apresentar tal característica do processo de luto em Freud, Lacan segue dizendo que sua visão é idêntica e contrária ao que podemos encontrar na obra freudiana. Nos termos lacanianos, o trabalho de tentar manter viva a representação psíquica do objeto amado após a morte, corresponde a uma tentativa de restabelecer a ligação com o verdadeiro objeto: o objeto causa de desejo, consideração essa que fica evidente no trecho citado anteriormente do participante G6 no qual retrata a cena da filha ultrapassando as leis sanitárias e negando a morte do pai.

Contudo, como podemos analisar a dimensão do objeto perdido para os sepultadores e para os enlutados? Lacan²⁴ no *Seminário livro VI: O desejo e sua interpretação (2002)*, afirma que o sujeito mergulha na vertigem da dor e dessa forma consegue entrar em um certo tipo de relação com o objeto perdido. Para Lacan²³, o objeto tem nesse momento uma existência ainda mais absoluta pelo fato de não corresponder a mais nada que exista. Sendo assim, a existência do falecido permanece enquanto o for evocado discursivamente pelo enlutado, o ente perdido ganha uma existência imaginária. Observamos que os sepultadores também presentificam em discurso os lutos não elaborados no período da pandemia. Nesse sentido, podemos analisar que o significante luto insiste na cadeia discursiva desses trabalhadores.

Dessa forma, há uma diferença substancialmente importante para esta análise: há, o luto das pessoas que perderam o(s) ente(s) e há a presentificação do luto enquanto ofício. Ou seja, na presentificação do luto enquanto ofício, os sepultadores não experimentam o luto pelo falecido ao qual prestam serviço durante um ritual fúnebre. No entanto, podem estar de luto por colegas, familiares e amigos que já faleceram.

3.2 A (DES) SUBJETIVAÇÃO DE QUEM SEPULTA-A-DOR

Considerando que a pandemia da Covid-19 impôs muitas restrições no que se refere ao trabalho de luto, as práticas dos rituais fúnebres, limitações nas dimensões afetivas e discursivas Teixeira e Caldas²⁵ no texto *O afeto para a psicanálise (2017)* tecem que o afeto e a afetividade dizem respeito de um dizer sobre o corpo, longe de ser um dado primordial ou um elemento pré-verbal, é anterior, constitui um efeito contingente secretado pelo discurso. (pp. 140). Ou seja, o afeto está fundado e fundamentado no discurso, é a partir da linguagem que se estabelecerá qualquer dimensão afetiva e conseqüentemente o enlace discursivo dos afetos.

Lacan¹⁸ no *Seminário X: A angústia (2005)* isola o conceito de angústia como afeto à parte, correlato de algo que não se engana, pois está fora de dúvida, é a angústia que marca a aproximação do sujeito no real. Considerando que a angústia consiste no único afeto verdadeiro, selecionamos

trechos ditos pelos sepultadores que evidenciaram a angústia experienciada no momento de pandemia. Analisamos também qual a percepção dos sepultadores no que diz respeito ao olhar da cultura sobre eles? E, quais os impactos dessa percepção na subjetividade deles? A seguir podemos analisar um trecho em que o sepultador C2 apresenta a narrativa sobre a percepção da sociedade em relação ao seu trabalho:

C2: É alguns veem a gente como heróis, mesmo porque entra no mérito que eles conseguem ver que a gente tentou deixar aquilo mais humano possível. Algo que já tava desumanizado né. Mas também alguns viam a gente como vilão, porque existiam os protocolos internos e os protocolos públicos. Então a gente não podia abrir o caixão, a gente não podia... A gente tinha nossas limitações e as famílias também, e muitos enlutados, luto é uma coisa que assim, alguns ficam tristes, outros ficam neutros, quietinhos, alguns ficam enraivados, culpam você, a gente por ser o culpado daquilo. [sic]

O duplo entre herói e vilão se caracteriza justamente por alguns enlutados diante os sepultadores rechaçarem o aplacamento do real, forcluindo a morte e apresentando a ambivalência afetiva - própria dos neuróticos. E, isso impacta diretamente a relação afetiva dirigida para esses trabalhadores. A interdição remonta à castração, ou seja, a conduta de cada enlutado impacta diretamente a dignidade e subjetividade de cada sepultador. Que por sua vez, estão ali com seus afetos, e investem libido justamente na possibilitação de um ritual fúnebre tecendo um arranjo diante da impossibilidade de elaboração de luto o qual analisaremos mais adiante.

A dificuldade do sujeito frente à demanda de abandono da posição libidinal, como Freud⁸ nos apresentou no texto *Luto e Melancolia* (2020), está vinculada com a queda de sua própria representação para o falecido, e com isso recusa o deslocamento libidinal como tentativa de reparação e preservação de sua própria representação. E, como assevera o autor, essa oposição ao deslocamento libidinal pode resultar em uma psicose alucinatória de desejo. Dessa forma, o sujeito passa a ter alucinações visuais e auditivas com conteúdo do ente perdido. Então como podemos analisar essa queda da representação para os sepultadores?

O trabalho de luto exercido pelos sepultadores apresenta uma diferença substancialmente importante, diferentemente do enlutado que gradualmente consegue revirar e redestinar a libido que outrora fora investida em um objeto perdido, os sepultadores investem libido diariamente na cena de ruptura, trata-se da vicissitude mortífera exposta que lhes demanda investimento libidinal para que o trabalho seja efetuado. E, com isso experimentam uma relação sintomática na tríade: ofício, subjetividade e cultura, como relatado por Paulon¹⁹.

O receio de sorrir e/ou chorar como relatado na citação anterior diz respeito a uma restrição contrária ao que possibilita o trabalho de luto, pois no trabalho de luto, os choros e/ou sorrisos podem ser indícios de avanço na trajetória de redestinação libidinal. Já no que tange aos sepultadores, o tabu

apresentado pela dimensão social condena o sorriso e o choro dos trabalhadores de cemitérios. Freud²⁶ assevera na obra *Totem e Tabu (1996)* que “algo diferente do luto deve ser responsabilizado pelas peculiaridades dos costumes tabus, algo que obviamente tem outras intenções além desta” (pp. 73, livre tradução nossa)¹⁰. Dessa forma, o autor é claro ao afirmar que não é característica do luto os estigmas que a cultura o atribui, os atos de repúdio frente a evocação do nome do morto – são manifestações evidentes do próprio tabu.

Os estigmas sociais assignados para a profissão de sepultador têm relação intrínseca com os tabus que a cultura atribui a morte. Gomes e Junior²⁷ (2022) esclarecem que “falar sobre a morte é um tabu e a partir do século XX esse fato ganhou força e intensificou-se, especialmente, nas sociedades ocidentais. Com o advento do capitalismo, o avanço da medicina e o desenvolvimento industrial, a morte passou a ser vista como algo sujo, passível de ser evitada” (pp. 53) em complemento a essa afirmativa Santos²⁸ (2023) considera que “a morte também é outro nome para o real, precisamente porque se coloca como impossível de retirarmos ela de nossa condição como seres dotados de um corpo vivo – embora alguns transumanistas não desistam de querer ceifar a morte de nossa realidade” (pp. 8).

Nesse sentido, podemos tecer uma alusão ao texto de Lacan²⁹: *Os Corpos Aprisionados Pelo Discurso (2012)*, no qual considera o aprisionamento dos corpos pela produção dos quatro discursos - discurso do mestre, histórica, escravo e analista, e disso podemos concluir que todos somos aprisionados pelo discurso. Entretanto, há sempre algo que escapa – há o resto. Há aquilo que se constitui enquanto visceral - e do real propriamente dito. Contudo, neste momento vamos considerar os corpos aprisionados pelo discurso capitalista como ponderado por Paulon¹⁹ (2023):

A banalização da morte, em um polo e sua hipervisualização em outro, se relacionam, então, com a ausência, no nosso cotidiano, da morte e suas ritualizações, do envelhecimento e da possibilidade de mudança de registros temporais sem que estas sejam entendidas como patológicas: na época do trabalhador “just-in-time”, o sepultamento também se realiza da mesma forma, só sendo permitido tempo aos que podem pagar por ele. Esses trabalhadores são, portanto, o sintoma, no sentido de índice, da articulação que realizamos naturalmente entre precarização e morte, entre vulnerabilidade social e vulnerabilidade psíquica, entre desamparo constitutivo e desigualdades sociais. (pp. 99)

A autora¹⁹ tece uma crítica ao modelo capitalista ao qual monetiza também o tempo dos sepultamentos – o tempo de elaboração de luto como mercadoria. Por fim, assevera que os sepultadores constituem e carregam consigo o sintoma social do tabu que há sobre a morte em alusão ao que Freud teceu na obra *Totem e Tabu (1996)*. E, por sua vez, denunciam a precarização de uma

¹⁰ No original²⁵: “*Tabugebräuche muß etwas anderes als die Trauer verantwortlich gemacht werden, etwas, das offenbar andere Absichten als diese verfolgt*” Optamos por utilizar a obra em alemão original e realizar a tradução livre, uma vez que a tradução em português dessas obras apresentou conflito conceitual.

profissão estigmatizada. A expulsão da ritualização da morte no cotidiano pandêmico e – não pandêmico produziu um efeito de “continuidade e banalização das urgências, emergências e catástrofes, banalizando também o desamparo social” (pp. 97), fazendo emergir ainda mais o desamparo social associado e naturalizado a grupos minoritários. Evidenciando o apagamento das narrativas sociais, este apagamento por sua vez retorna como experiência de sofrimento no cotidiano, fadados a repetição de uma lógica da qual são o índice de exclusão por excelência (cf. pp. 100).

O trecho a seguir retrata justamente a exclusão dos Sepultadores no acesso à vacinação contra a Covid-19:

B1: Outro ponto, que chocou bastante a gente, foi que o poder público, não considerou a gente. A gente teve que brigar na justiça, né, os cemitérios particulares, de Curitiba e região entraram contra o poder público, pedindo a vacina, né? E a vacina começou primeiro a ser aplicada em enfermeiros e médicos em janeiro. A gente só conseguiu aplicar na nossa equipe a partir de abril, né, então nesses pontos, que a gente observa o quanto o nosso ramo por mais importante que ele seja, ele não é visto, né, e principalmente pelo poder público, né, e é aí é algo que vai acontecer com todo mundo, né? Então, isso preocupa, né bastante assim, e este foi um exemplo claro, que realmente a gente não é visto, né e a pandemia deixou isso muito claro. [sic]

Os impactos da des (subjativação) de quem sepulta-a-dor, a exclusão da priorização a saúde desses trabalhadores os aprisionou em um discurso de exclusão social, invisibilidade e destituição de suas identidades subjetivas. No *Seminário XIX: Ou pior... (2012)* Lacan²⁷ considera: “O sujeito só está presente na medida em que um significante o representa para o outro significante” (pp. 216). Podemos considerar que houve um enclausuramento mortífero de um Estado que realizou o tabu por meio do tabu, como Freud⁸ discorreu na obra *Totem e Tabu (1996)*, principalmente no que concerne a rejeição da cultura em introduzir a morte na articulação significativa. Contudo, há uma constante (des) subjativação de quem sepulta-a-dor e o corpo do outro.

3.3 A PANDEMIA E A IM (POSSIBILIDADE) DE EXUMAR OS CORPOS

A pandemia da Covid-19 desencadeou um sintoma global do reencontro cotidiano com a castração, finitude e desamparo. As citações a seguir evidenciam o encontro cotidiano com a morte, as angústias experienciadas na pandemia, e o reencontro com a decrepitude de corpos não decompostos:

B1: E a gente ainda tem um passivo aí que, a gente ainda não tem ainda nenhuma decisão do poder público, vigilância sanitária, do que fazer agora que estão iniciando as exumações né. Dos corpos que foram enterrados lá com Covid, né. Os corpos vinham em sacos né, a gente já teve algumas exumações, mas a gente, a gente faz com os EPI que a gente utilizava na época do Covid, mas a gente não sabe se tem alguma coisa, se não tem, se o vírus tá vivo, se o vírus tá morto né. Então a gente ainda não tem uma orientação do poder público, é um outro

movimento aí que os cemitérios estão esperando né. Que a respeito da exumação, já passou ali três anos do início dos sepultamentos por Covid, então as exumações já podem acontecer, só que a gente tem ainda está indefinição de como tratar a exumação. [sic]

C1: [...] Os corpos, eles estão vindo com acessos, então quer dizer que eles não tiravam acessos, eles não tiravam, as vezes eles vêm com aquelas, como diz? Aqueles, é lençol, do hospital.

[...] Tráqueo aqui, com todos os acessos, ainda no nariz que eles não tiravam, eles não tinham nem a preocupação disso e o que é perigoso pra gente, como B1 falou a gente não tem nenhuma legislação, em relação ao EPI, porque se tem o acesso, agulha então os meninos estão fazendo a exumação, a gente faz com uma luva de látex, porque a gente mexe com ossos, não tem nada perfurante, agora quando ele tá inteiro... E uma, ele vem, porque o corpo retém muita água, retém muito líquido, então a gente tem que perfurar aquilo e quando perfura, o cheiro a água, aí daí depois quando mostra o corpo ainda em si é muito chocante! [...] Porque querendo ou não ainda, tão, parece que foram enterrados ontem. [sic]

Analisemos a partir do que Lacan³⁰, no *Seminário XIV: A lógica do fantasma (2023)* estabelece que “a existência lógica é outra coisa, como tal tem outro estatuto. Há sujeito a partir do momento em que fazemos lógica, ou seja, quando temos que lidar com significantes” (pp. 14). O discurso do sepultador anuncia o retorno do que não foi decomposto, elaborado, e em virtude disso, há então o reencontro com o aplacamento do real, a castração e a decrepitude propriamente dita. A ausência de uma diretriz técnica sanitária apreende justamente a (im)possibilidade de exumar os corpos advindos da pandemia – ou pelo menos exumá-los com segurança. Contudo, assim como Lacan¹⁶ é claro ao asseverar que só há sujeito a partir da inserção significante, o não dito de políticas públicas (des) subjetivam os sepultadores.

Esse cenário remonta justamente o período da pandemia com a troca de significantes de Enterrar para Exumar, mas com as mesmas questões, reavivadas quatro anos depois do início da pandemia: “a gente não sabe se tem alguma coisa, se não tem, se o vírus tá vivo, se o vírus tá morto, né a gente ainda não tem, uma orientação do poder público, é um outro movimento aí que os cemitérios estão esperando, né, que a respeito da exumação” (B1 [sic]). Bonfim³, analisa a figura do representante maior do Estado no período da pandemia e estabelece que: “Bolsonaro faz eco para uma questão que nos assola e ficou evidente na pandemia: o modo como muitas vidas nas sociedades capitalistas se tornaram elimináveis e desprezadas” (pp. 33).

Por fim, salientamos a negligência do Estado em relação a saúde da população, uma vez que o discurso neoliberal proporcionou impactos na saúde de sepultadores, no livro *Neoliberalismo como Gestão do Sofrimento Psíquico (2020)* de Safatle e Dunker³¹ podemos verificar que “pelo avesso, o sofrimento, a escravidão, a morte e a ausência de bens formam indistintamente os equivalentes simbólicos do fracasso parasitário, covarde e incompetente, repudiados a todo custo pela racionalidade neoliberal” (pp. 106).

3.4 ENTERRAR, EXUMAR E RESSIGNIFICAR:

Analisamos anteriormente o encontro cotidiano com a morte, os processos de (des) subjetivação de quem sepulta-a-dor, e as implicações da pandemia na (im) possibilidade de sepultar os corpos. Diante o exposto podemos questionar: O que resta aos sepultadores? Qual o enredo que enlaça e faz o efeito simbólico para esses trabalhadores?

A profissão de sepultador está circunscrita na experiência cotidiana de um encontro com o real da morte de outrem e suas vicissitude. Ainda mais no que corresponde ao período pandêmico e pós pandemia da Covid-19. Vivenciaram e experimentam no corpo e na subjetividade os impactos do aplacamento do real. E, apesar disso conseguiram deslizar e tecer o arranjo de seu interesse em atribuir dignidade a morte: possibilitar a ritualização do ritual fúnebre para as famílias enlutadas, ainda que com grande dispêndio libidinal. Consideremos o trecho a seguir e a Figura 1 ao qual retrata justamente o anseio dos sepultadores em possibilitar um rito fúnebre frente as adversidades sanitárias no período da pandemia:

D1: [...] Nós mesmos chegamos a receber, seis pessoas de uma mesma família, e tudo que a gente fez foi para de alguma forma abraçar aquele momento difícil das famílias, que era bastante comovente como E5 falou, ver aquelas, filas de carro e ter que receber família, [...] e o cemitério, se preocupou tanto que a gente ofereceu uma ideia, pra que as pessoas pudessem se aproximar, do seu ente querido porque ele não podia fazer um velório. E nós oferecemos uma ideia e o cemitério abraçou de forma muito humana, que foi criar uma redoma de vidro, né? Esta redoma de vidro, foi colocada na parte externa então nós montamos um espaço né, era da forma mais simples e possível. [sic]

A construção a partir do anseio de sepultadores possibilitou o reconhecimento e atribuição do Prêmio Qualidade e Excelência ACEMBRA SINCEP³². Nesse sentido, podemos retomar o que postulamos anteriormente em alusão ao texto de Lacan²⁸: *Os Corpos Aprisionados Pelo Discurso (2012)*, no qual tece a respeito do aprisionamento dos corpos pela produção dos quatro discursos - discurso do mestre, histórica, escravo e analista. É evidente que todos somos aprisionados pelo discurso, a questão que se faz pertinente é que há sempre algo que escapa – há o resto. E então, do que se trata esse resto? E o que os sujeitos fazem com o resto? Para Junior³³ em *A Psicanálise e Seus Efeitos Terapêuticos Em Freud e Lacan (2011)*:

O empenho de Lacan, com sua maneira de abordar a noção de sintoma sob novas perspectivas, faz entrever a maneira como a psicanálise confere dignidade a esse resto pulsional evidenciado desde Freud. Sem recusá-lo, a psicanálise delimita aí sua particularidade, pois acredita que, neste resto, encontra-se a mais íntima relação do sujeito com seu desejo e seu modo de gozo. (pp. 98)

Nessa conjuntura, podemos compreender que os sepultadores que participaram deste estudo, ao estarem situados frente a angústia e o enclausuramento discursivo, puderam realizar algo com o

resto. Ou seja, a partir da castração e privação emergiu os significantes que forneceram borda e assim estabeleceram um dizer sobre o desejo – objeto *a*. Nessa perspectiva, a dimensão do desejo e do gozo, se diferenciam fundamentalmente, bem como a tessitura discursiva de cada sujeito. Para Silva³⁴ “a dimensão do desejo acontece quando mobiliza uma ação e uma invenção por parte do sujeito” (pp. 11). E, em relação à dimensão do gozo, trata-se do excesso, do mais-ainda como Lacan³⁵ descreve no *Seminário XX: Mais, ainda... (1985)* “O que é o gozo? Aqui ele se reduz a ser apenas uma instância negativa. O gozo é aquilo que não serve para nada” (pp. 11).

Em *Escritos (1998)*, Lacan³⁶ considera a dinâmica do desejo e esclarece que a satisfação do desejo humano só é possível se mediada pelo desejo do outro.

O próprio desejo do homem constitui-se, diz-nos ele, sob o signo da mediação: ele é desejo de fazer seu próprio desejo reconhecido. Ele tem por objeto um desejo, o do outro, no sentido de que o homem não tem objeto que se constitua para seu desejo sem alguma mediação, o que transparece em suas necessidades mais primitivas - como, por exemplo, no fato de que seu próprio alimento tem que ser preparado - e que encontramos em todo o desenvolvimento de sua satisfação, a partir do conflito do mestre/senhor e do escravo, através de toda a dialética do trabalho. (pp. 183)

Dessa forma, a mediação possível se articula com o que podemos considerar do anseio do enlutado em enterrar o ente e a vontade dos sepultadores de tornar seu próprio desejo reconhecido. Ora, o sujeito como afirma Lacan³⁵ tem por objeto um desejo – a saber, o do outro. Portanto, “numa palavra, em parte alguma evidencia-se mais claramente que o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto porque o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro” (pp. 269).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das conjecturas tecidas anteriormente, o que podemos concluir desse estudo? O que podemos explicitar como desfecho – como fim possível de um tema que não se esgotará? Responderemos essas questões retomando ao objetivo, problema e hipótese de nossa pesquisa.

O objetivo que estabelecemos no início desse estudo, concerne justamente em analisar os impactos da pandemia na saúde mental de sepultadores de um cemitério particular na região metropolitana de Curitiba-PR. Para tanto criamos dois grupos de escuta em associação livre com os sepultadores atuantes no período da pandemia. E, a partir da coleta de dados e transcrição das sessões, articulamos os discursos com os conceitos da teoria psicanalítica. O problema de pesquisa apresentou a seguinte questão: A pandemia (Covid-19) causou impactos a saúde mental de sepultadores?

Tecemos como hipótese a afirmativa: Sim, o excesso de trabalho na pandemia causou impactos à saúde mental de sepultadores.

Na sessão de resultados e discussões analisamos os trechos selecionados da transcrição articulando com os conceitos psicanalíticos pertinentes. Dessa forma, podemos confirmar a nossa hipótese e apresentar outros impactos que os sepultadores apresentaram em discurso.

Partimos **Do Encontro Cotidiano Com o Real da Morte**, no qual apresentamos e analisamos os impactos da forclusão da morte, manifestação de recriminações obsessivas, implicações de exercerem seu ofício em um espaço estigmatizado. Na segunda sessão **A (Des) Subjetivação de Quem Sepulta-a-dor**, abordamos os efeitos do reencontro com a castração e a estigmatização da profissão. O Estado como propulsor de um adoecimento geopoliticamente situado. Evidenciando na conjuntura cultural o fracasso de políticas públicas para grupos minoritários que foram marginalizados e excluídos de suas possibilidades de ser.

Na terceira sessão nos debruçamos em analisar **A pandemia e a Im (possibilidade) de Exumar Os Corpos** apresentamos as dificuldades, riscos em exumar os corpos e o silêncio do Estado. Uma vez que as exumações do pós pandemia, colocaram os sepultadores diante de objetos perfurantes do âmbito hospitalar, corpos nus com retenção de líquidos, ou seja, a manifestação do lapso sanitário que a pandemia apresentou. E, que perdura para os sepultadores em um reencontro com a decrepitude, germes infecciosos, e o não-saber sobre o vírus da Covid-19 em corpos não decompostos. Por fim, **Enterrar, Exumar e Ressignificar**: consideramos os anseios dos sepultadores frente a imposição restritiva de um sintoma global como a pandemia.

Os sepultadores carregam a manifestação do sintoma cultural do tabu sobre a morte e os mortos. Sofreram impactos no corpo e na subjetividade, foram excluídos da lista de priorização de vacinação contra a Covid-19, sofreram violência física e verbal das famílias enlutadas, foram e são estigmatizados, associado ao sujo. Desalojados de seus enlaces afetivos com preconceitos advindos de seus núcleos familiares. Carregaram na pandemia o título de portadores vivos do vírus. E, no período de exumação precisam se reaver com a decrepitude de corpos flagelados, açoitados pelo colapso sanitário da pandemia de Covid-19

A arqueologia da morte no ocidente visa prolongar a vida a qualquer custo – o mais ainda neoliberal se estabelece justamente na insistência em negar a castração, recusar a falta e foracuir a morte. Nesse sentido, há uma suspensão do lastro simbólico na cultura no que se refere a elaborar o luto, desvelando um crescente receio, pudor, e impossibilidade em lidar com a morte. O aplacamento do real se impôs e com isso o mais-de-gozar sucumbiu aos limites da finitude.

Destacamos também a delicadeza e importância da profissão de quem Sepulta-a-dor. São esses trabalhadores que tecem em malhas finas e solidificadas o fim de trajetórias e histórias por meio de

um ritual fúnebre – o início do luto. E nessa hiância constroem o arranjo possível de dar destino aos mortos, fazendo florescer em meio a ruídos que assolam suas angústias.

E, na elaboração de luto desse escrito, podemos considerar que ser aquele que sepulta-a-dor é saber tecer com a força e delicadeza de uma rosa lasciva o contorno simbólico de um arranjo possível diante o encontro com o real da morte de outrem. Construindo em jardins ou em fornos de cremação inserem nas malhas discursiva, no dito e no inter-dito – o sólido nome do real – a morte. Há um saber do qual os sepultadores parecem deter: é preciso se reaver com a castração para que se frutifique o desejo.

Figura 1. Redoma de vidro criada pelos sepultadores no cemitério particular na região metropolitana de Curitiba/PR, 2024.



Fonte: Imagem disponibilizada pela Instituição coparticipante, 2024.

REFERÊNCIAS

1. Ministério Da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Rede CIEVS. Avaliação de risco no Cenário da covid-19. [Internet].2022; [acesso 22 Set 2024];85(33). Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/covid-19/avaliacao-de-risco/avaliacao-de-risco-no-cenario-da-covid-19-se-33-2022.pdf>.
2. Organização Panamericana de Saúde. As doenças não transmissíveis continuam sendo a principal causa de morte. [Internet].2024[acesso 22 Set 2024]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/24-5-2024-covid-19-eliminou-uma-decada-progresso-na-expectativa-vida-global>.
3. Bonfim F. Leituras psicanalíticas sobre os desafios da atualidade [livro eletrônico] / organizadora Flavia Gaze Bonfim. – Curitiba-PR: Editora Bagai; [Internet]. 2022 [acesso 22 Set 2024]; 313 p. Disponível em: <https://doi.org/10.37008/978-65-5368-052-4.06.04.22>
4. Ministério do trabalho e emprego. Classificação de Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho. [Internet]. Brasília, DF: MTE; 2010 [acesso 22 Set 2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/cbo/servicos/downloads/livro-1-portal-cbo.pdf>

5. Silva WM. Riscos à saúde e segurança do trabalho de coveiros e auxiliares em dois cemitérios municipais de Curitiba-PR. [monografia]. Curitiba: Departamento Acadêmico de Construção Civil, Universidade Tecnológica Federal do Paraná; 2019. 42p.
6. Santos AES, Santos MG, Rocha RR, Moura RA. A invisibilidade do sepultador profissional na zona leste de São Paulo. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Tiradentes: Curso Técnico em Segurança do Trabalho, Escola Técnica Estadual ETEC; 2023. 60p.
7. Costa FB. Moisés e Nilce: um retrato biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas.[tese]. São Paulo: Instituto de Psicologia Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo; 2008. 403p.
8. Freud S. Neurose, psicose, perversão / Sigmund Freud; tradução Maria Rita Salzano Moraes . – 1ªedição: 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica; 2020.
9. Flick U. Introdução a metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes / Uwe Flick ; tradução: Magda Lopes; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre:Penso, 2013.
10. González Rey F. Subjetividad, cultura e investigación cualitativa en psicología: la ciencia como producción culturalmente situada. Lim [Internet]. 2013 [acesso 25jun. 2024];2(04):13-6. Disponível em: <https://revistafacso.ucentral.cl/index.php/liminales/article/view/23311>.
12. González R; Martínez A. Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea; 2017.
13. Yalom I, Leszcz M. Psicoterapia de grupo: teoria e prática. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed; 2006.
14. Freud, S. Zur Dynamik Der Übertragung. In: Obras completas de Sigmund Freud (vol. XII). Rio de Janeiro: Imago Editora; 2012. p. 161.
15. Lacan J. Seminário 22 (1974-1975): R.S.I. (Versão Crítica). Tradução e notas de Ricardo E. Rodríguez Ponte para circulação interna da Escuela Freudiana de Buenos Aires.Inédito; 1989.
16. Barros L. Da dor ao amor: contribuições para uma compreensão psicanalítica do luto. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011.
17. Lacan J. (1961/62). O Seminário, Livro 9: A identificação. Trad. Ivan Corrêa, Marcos Bagno; colaboração: Dominique Fingermann, Francisco Sattineri, Letícia P. Fonsêca. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife. Inédito; 2014.
18. Lacan J. (1962/63). O Seminário, Livro 10: A angústia. Trad. Vera Ribeiro; versão final, Angelina Harari; preparação de texto, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. Inédito; 2005.
19. Paulon C. Princípios psicanalíticos: de entradas e variedades casuais [recurso eletrônico] / Estanislau Alves da Silva Filho, Ivan Ramos Estevão... [et al.]. Cachoeirinha: Fi, 2023. 252p.
20. Jorge M. Coutinho, Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.2: a clínica da fantasia / Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
21. Lacan J. (1964). O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1979.
22. Freud S. Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza _ São Paulo: Companhia das Letras, 2016
23. Iannine in: Freud, S. As pulsões e seus destinos / Sigmund Freud; tradução Pedro Heliodoro Tavares. – 1. ed.; 1. reimp – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2014.
24. Lacan J. (1958/59). O Seminário, Livro 6: O desejo e sua interpretação. Trad. Membros e colaboradores da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002 Inédito.
25. Teixeira A, Caldas H. (2017) Psicopatologia lacaniana I: semiologia / organizadores Antônio Teixeira e Heloisa Caldas. -- 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

26. Freud S. (1940). *Gesammelte Werke neunter band Totem Und Tabu*. Imago Publishing Co., Ltd., London. S. Fischer Verlag. In: *Obras completas de Sigmund Freud (vol. XII)*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
27. Gomes R, Junior C. (2022). *A morte e o luto na contemporaneidade: aspectos psicossociais e culturais*. São Paulo: Editora Blucher.
28. Santos R. (2023). *O real como (im)possível*. Guairacá Revista de Filosofia, Guarapuava-PR, V39, N2, P. 78-87, 2023 ISSN 2179-9180
29. Lacan J. (1971/1972). *O Seminário, Livro 19: ...ou pior*. Trad. Vera Ribeiro; versão final, Marcus André Vieira; preparação de texto, André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
30. Lacan J. (1901-1981). *O Seminário, livro 14: A lógica do fantasma / Jacques Lacan ; tradução Teresinha N. Meirelles do Prado ; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.
31. Dunker C, Safatle V. *Neoliberalismo Como Gestão do Sofrimento Psíquico – Belo Horizonte: Autêntica; 2020*.
32. Associação e Sindicato de Cemitérios Particulares do Brasil. *Inovação: Memorial A Sua Presença & Passeio no Parque, 2023*.
33. Junior E. *A psicanálise e seus efeitos terapêuticos em Freud e Lacan / Ednei Soares de Oliveira Júnior*. Belo Horizonte; 2011.
34. Silva J. *Sepulta-A-Dor: Reflexões Sobre Os Possíveis Efeitos Do Trabalho Como Coveiro*. Campina Grande-PB, 2018.
35. Lacan J. (1972/73). *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda*. Versão brasileira, M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda; 2008.
36. Lacan J. (1998). *Escritos*. Versão brasileira, Vera Ribeiro; Revisão técnica, Antonio Quinet e Angelina Harari; Preparação de texto, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. Inédito; 1998.